Olhos D'Agua (Conceição Evaristo): por onde passa quem somos, quem estamos sendo?

Autor[1]: Lucio Guilherme Ferracini

Co-autor[2]: Fernanda Fiorenza Moreno Bighetti

Co-autor[3]: Maria Eduarda Silva Valentim

Co-autor[4]: Mayara Pompeo dos Santos

Co-autor[5]: Marlon Cesar Mitsunaga Paredes

Co-autor[6]: Valesca Aguiar Salles

Co-autor[7]: Gabriela Conde Della Togna

Co-autor[8]: Daniela Kutschat Hanns

[1] Psicodramatista Didata-Supervisor, ABPS e lucioferracini@gmail.com
[2] Psicodramatista Didata, ABPS e fe-fmb@hotmail.com
[3] Estudante de Psicodrama nível 1, Casa do Encontro e mariavalentim1201@gmail.com.
[4] Psicodramatista Didata, ABPS e pompeo.psi@gmail.com
[5] Estudante de Psicodrama nível 1, ABPS e marlonmitsunaga@gmail.com
[6] Estudante de Psicodrama nível 1, Dramatriz e vasalles@yahoo.com.br
[7] Psicodramatista nível 1, ABPS e gabicdt@gmail.com
[8] Estudante de Psicologia, FMU e dk.hanns@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo a proposição de um dispositivo clínico-estético de expressão dos processos de subjetivação, memória e transformações, partindo do conto homônimo de Conceição Evaristo. Tendo como referência a escrevivência, enquanto eixo poético-político, a atividade busca a articulação do corpo, afeto, cena e palavra, contribuindo com a desvelamento de narrativas singulares e sobretudo coletivas, transpassadas por marcadores sociais, como raça, gênero, território, ancestralidade, religião e desigualdade.

A proposta ancora-se nos pilares do teatro espontâneo e psicodrama moreniano, sendo a espontaneidade-criatividade, o processo télico e a teoria de papeis, para a criação da ação dramática dentro do campo sociométrico. Tem como alicerce os pressupostos da Psicoterapia de Grupo e do Psicodrama de J. L. Moreno, articulados às contribuições de Gilles Deleuze sobre rizoma, multiplicidade e produção de subjetividade

O conto serve como ponto de partida, não para ilustração literária, mas como território de ressonância simbólica capaz de convocar memórias, imagens e afetos inscritos no corpo e na história dos participantes.

A vivência passa pelo caráter psicoterapêutico grupal, clínico-relacional, mas tem como proposito a construção coletiva, estética, política e ativa das pessoas participantes, visando ressonâncias sociopsicodramáticas. Tem como caminho, o uso das práticas psicodramáticas contemporâneas para a integração da arte, clínica e produção coletiva de sentido

Busca-se um espaço de produção de memória, dignidade e invenção de futuros possíveis de forma rizomática e polissêmica. Trata-se, assim, de um convite à travessia: olhar para os “olhos d’água” estimulando-nos a interrogar, em ato, os modos como estamos sendo no mundo e com

o outro. Após a escuta do poema, o método utilizado será *Sociopsicodrama*, tendo por base o Teatro Espontâneo: por meio de diversas cenas-vinhetas, incentiva-se o surgimento de protagonistas, podendo as histórias serem com ênfase no drama privado (psicodrama) ou com maior destaque ao drama coletivo (sociodrama), de acordo com a disponibilidade e clima grupal presente. Espera-se favorecer a expressão de afetos e narrativas corporificadas, ampliar a consciência relacional dos participantes e fortalecer vínculos grupais.

Palavras-chave: Arte. Psicodrama. Relações Raciais. Pessoas Racializadas. Rizoma.